

AS INTERFERÊNCIAS DAS LÍNGUAS NEGROAFRICANAS NA LÍNGUA PORTUGUESA E CRIOULAS DE BASE PORTUGUESA.

Abílio de Mendonça¹

RESUMO: Este trabalho estuda a interferência das línguas negroafricanas no português das ex-colônias portuguesas que falam este idioma como língua oficial ou materna, como no caso de Angola, Moçambique e Brasil, ou das línguas crioulas de base portuguesa como as de S. Tomé e Príncipe e Cabo Verde. Faz-se uma reflexão da importância das variantes resultantes destas interferências linguísticas e o respeito a elas para melhor compreender as línguas faladas nestes países e o contributo da herança sociolinguística negroafricana.

PALAVRAS-CHAVES: interferências linguísticas; línguas negroafricanas.

A África é um continente onde tudo é plural e nunca singular. Neste espaço pluricultural, a língua não poderia ser diferente. Existem mais de duas mil línguas coexistindo dentro deste território. Abaixo da linha do Equador, estão as línguas que mais influenciaram a língua portuguesa, as do grupo bantu que são faladas em todo território subsaariano, com exceção da parte do deserto de Kalahari, onde se encontram os Koissãs, que falam línguas de clique.

No início da colonização em África e nas colônias fora dela, a comunicação, entre os colonizadores e os colonizados, e até mesmo entre os escravizados que possuíam línguas maternas diferentes, foi quase nula, devido aos divergentes diassistemas, etnias e línguas.

Quando dois povos entram em contato durante um período considerável, como é o caso dos colonizadores europeus e os escravizados negroafricanos, as línguas acabam se influenciando mutuamente, através do aparecimento de traços de uma língua no discurso de falantes de outra língua. Segundo Ngunga (2010), se o traço de uma língua que aparece na outra for generalizado, este fenômeno se chama empréstimo, mas se for esporádico e individual, chama-se interferência.

¹ Abílio Manuel Marques de Mendonça é mestre em Linguagens na UNEB, professor de Português de Escola Pública e membro do NGEALC (Núcleo de Estudos Africanos e Afrobrasileiros de Línguas e Culturas) da UNEB.

A interferência linguística é o fenômeno que ocorre da interação entre duas ou mais línguas, na qual os traços característicos de uma são transferidos integralmente ou parcialmente para outra. Isto deve-se ao fato do falante não produzir exatamente um som, uma palavra, uma frase da língua não materna, ou até mesmo a tradução literal de algo análogo no seu idioma materno. Ela ocorre em situações de contato de línguas, sobretudo na fase inicial da aquisição de uma não materna que possui estruturas fonéticas, semânticas e morfossintáticas divergentes da materna. Ela pode ocorrer tanto em falantes de línguas tipologicamente semelhantes, ou em falantes de línguas similares em situação de aprendizagem de uma língua segunda ou estrangeira.

Na época colonialista, a língua portuguesa era vista como veículo de opressão, pois foi imposta pelo colonizador aos negroafricanos. Muitos países subsaarianos, após a independência de Portugal, adotaram o português como língua oficial. Hoje, essa língua é usada como veículo de comunicação e de unidade nacional, em países como Moçambique, passando assim a ser um patrimônio, a língua de interação internacional.

Do contato sociolinguístico entre os colonizadores portugueses e os negroafricanos oriundos de diversas partes da África, nascida no seio da escravatura negra, entre os séculos XVI e XIX e coexistindo com o português, surge o crioulo, língua em alguns países como Cabo Verde. Esta tornou-se independente com sua estrutura individualizada. No início, o crioulo pretendia resolver os problemas de comunicação a partir de códigos mínimos e muito limitados entre falantes de línguas diferentes em seus diassistemas, que através de empréstimos e adaptações de outras línguas, aos poucos, evoluiu, deu origem a uma língua de caráter nacional.

As línguas crioulas nasceram a partir da língua do colonizador e da materna do colonizado, nas Índias e nas Américas. De acordo com a língua europeia que se misturou com a materna, pode-se ter um tipo de crioulo. Os países colonialistas como Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Holanda deram origem aos crioulos de base portuguesa, de base espanhola, de base francesa, de base inglesa, de base



holandesa. Neste artigo, trataremos das interferências das línguas subsaarianas em contato com a língua portuguesa de países que foram colônias de Portugal, mas até hoje falam o português como língua oficial ou nacional, como Moçambique, Angola e Brasil e também das línguas crioulas de base portuguesa, faladas em S. Tomé e Príncipe e Cabo Verde.

A LINGUA CABO-VERDIANA

Embora, tenha um *status* sociolinguístico, a língua portuguesa não é falada por todos os cidadãos de Cabo Verde. Alguns deles somente falam sua língua materna, o crioulo. O português é de domínio administrativo-político, enquanto que a língua crioula continua sendo o instrumento de comunicação oral entre a maioria dos cabo-verdianos.

A língua crioula de Cabo Verde é fruto das influências de várias culturas e povos. mas apesar dessas influências, ela não perdeu, nem perde a identidade própria. Ela recebe, ressignifica, transforma, adapta tudo que vem de outras culturas e línguas.

O crioulo em Cabo Verde é estudado nas escolas e reivindicado por muitos linguistas como língua cabo-verdiana oficial. Para Pires (2010), esta pode coexistir pacificamente com a língua portuguesa, pois será uma forma de valorizar a língua materna que é símbolo forte da identidade nacional.

Atualmente, em Cabo Verde, duas línguas coexistem com estatuto e funções diferentes. Uma delas, a oficial que é o português, reservada à função comunicativa formal, abrange a administração, a comunicação social, o ensino e serve de veículo para comunicação internacional. A outra, a língua crioulo caboverdiana é nacional e materna, sendo reservada à função comunicativa, no domínio da oralidade e teve caráter unificador entre os cidadãos, ao contrário das outras colônias portuguesas em África, como Guiné Bissau.

A LÍNGUA CRIOULA E A LÍNGUA PORTUGUESA EM SAN TOMÉ E PRINCIPE



Segundo Bragança (2010), o português, em San Tomé e Príncipe, é falado por grande parte da população, servindo como veículo de comunicação interna e externa e convive com os crioulos locais, de forte predominância, sobretudo nas zonas rurais e nas populações urbanas menos letradas.

Ainda Bragança (2010), as línguas crioulas interferem também na estrutura fonológica do português. Exemplo disto é que os falantes do português em San Tomé e Príncipe têm dificuldade de fazer a distinção fônica de /R/ múltiplo, em *carro* (automóvel) e /r/ simples, como em *caro* (oposto de barato). Provavelmente por estes fonemas não fazerem parte da língua materna falada no arquipélago.

Outro exemplo é a tendência à tradução literal do português em sistemas linguísticos de línguas crioulas, mantendo o mesmo sistema sintático destas no enunciado na língua portuguesa. Usa-se muitas vezes o léxico do português com base na estrutura frasal do crioulo, conservando toda a força cultural inerente da língua materna local.

Outros fatores que determinam as interferências são a ausência quase total de flexão em lexias ou classes gramaticais que variam no português e uma sintaxe bem diferente, formando uma variante nesta língua em S. Tomé e Príncipe.

Tais interferências são comuns e revelam a existência de uma lógica gramatical peculiar à língua crioula. Esta lógica faz parte de toda uma estrutura de pensamento, toda uma vivência cultural que se evidencia através da linguagem falada, a qual, do ponto de vista lexical, se identifica com a modalidade de português coloquial, vivo, popular.

A LÍNGUA PORTUGUESA EM MOÇAMBIQUE

Segundo Ngunga (2010), além de muitos empréstimos das línguas maternas negroafricanas, também ocorrem muitas interferências no português. Estas interferências não são nacionais, mas sim regionais. As suas variantes refletem características próprias de variadas línguas negroafricanas que são faladas nas diferentes regiões moçambicanas. Os moçambicanos quase nunca se enganam na



identificação de um falante de determinada região com base na forma de uso das diferentes estruturas da língua oficial.

Em Moçambique, a língua portuguesa é a mais espalhada pelo país e a única oficial, usada como língua estrangeira, que além de instrumento de dominação no colonialismo, serviu também de instrumento de combate durante a luta armada, como meio de comunicação mais ampla entre os moçambicanos que lutaram pela sua independência. Atualmente, ela convive com mais de vinte línguas de origem bantu e serve como instrumento para comunicação internacional.

Ainda Ngunga (2010), os falantes da língua portuguesa, dependendo da fonte de ofertas linguísticas, fazem vários tipos de transferência que os professores de língua portuguesa rotulam de *erros* que devem ser corrigidos. Em Moçambique, estes *erros*, a vários níveis, não são problemas exclusivos de pessoas com baixo nível de formação acadêmica, mas também em discurso de um indivíduo licenciado e doutorado.

A semântica é um dos campos linguísticos onde mais se verifica transferências de traços de língua moçambicanas para a portuguesa. Um traço tipológico das línguas do grupo bantu, que é encontrado não só no português de Moçambique, mas também em Angola e Brasil, é a sua estrutura de sílaba, geralmente aberta (V, CV(V)), atestado por Mingas (2000), Castro (2001) e Ngunga (2010). Os falantes das línguas do grupo bantu tendem de produzir sílabas abertas mesmo nos casos em que elas sejam fechadas em português.

A LÍNGUA PORTUGUESA EM ANGOLA.

A língua portuguesa em Angola coexiste ao lado de dois grupos linguísticos bem distintos: as do grupo bantu, que são majoritárias e as dos povos khoisãs (NTONDO, 2010).

Segundo Costa (2010), em Angola, muitos dos falantes não têm o português como língua materna e muitos angolanos não a falam. A maioria da população interage através de uma variante sociolinguística híbrida, caracterizada por uma



base lexical portuguesa e um sistema lógico-gramatical bantu. Alguns fatores contribuem para que ela não seja efetivamente falada por todos os angolanos. Estes fatores são: o fraco conhecimento de seu funcionamento, a baixa taxa de escolarização de amplos setores da população, a falta de preparação adequada de muitos professores, um ensino nem sempre adequado às necessidades de comunicação dos falantes. A língua portuguesa sofre a interferência em todos os planos da estrutura e organização, seja no nível fonológico, morfológico, sintático, semântico e até mesmo da pragmática do discurso.

Em um estudo comparativo entre o kimbundu e o português, Costa (2010) diz que em kimbundu, não há uma coincidência entre os números de constituintes frásicos essenciais de uma predicação e o sistema correspondente na língua portuguesa. Esse número de constituintes essenciais de uma predicação manifesta um comportamento posicional diferente na frase.

A língua portuguesa possui um sistema linguístico com proeminência do sujeito, enquanto que as variantes sociolinguísticas do grupo bantu possuem proeminência de sujeito e proeminência de tópico. O português falado em Angola vai buscar no sistema lógico-gramatical das línguas do grupo bantu a sua estrutura funcional.

A interferência negroafricana na língua portuguesa de Angola existe quando se quer definir algo que faz parte da vivência do povo bantu que não existe na sociedade portuguesa, mas sim nas línguas nacionais. Estas fazem parte da comunicação cotidiana dos angolanos que, ao utilizarem outras línguas não maternas, interagem com estas, em uma soma de possibilidades que são as variantes.

A variante angolana do português é determinada pela interferência das línguas nacionais. Ela não se reflete somente no léxico, mas também no modo como os angolanos transformam a estrutura morfossintática das frases, adaptando os novos lexemas e enriquecendo a língua portuguesa com sons e palavras introduzidos que fazem parte da maneira de estar no mundo.



A variante do português angolano está muito presente na linguagem popular e na literatura, mas no ensino formal, a predominância é da língua portuguesa. A variante é tida como *erro*, embora muitos linguistas negroafricanos como Mingas (2000) defenda que não é um *erro*, e sim uma outra forma de expressão que pode estar associada à interferência de línguas nacionais. Como exemplo, há uma tendência em Angola de substituir a preposição *a* do português padrão por *em*, com o verbo *ir*. Ao invés dos angolanos dizerem *vou à escola*, geralmente é usado *vou na escola*. Nas línguas nacionais, quando se vai a um espaço específico, o lexema das línguas do grupo bantu *mu*, que significa *dentro*, é sempre usado para determinar para onde se vai. A variante *em* após o verbo *ir* é muito utilizada no Brasil também.

As palavras negroafricanas ao entrarem na língua portuguesa podem sofrer de interferência fonética ou morfossintática, como no caso *Mbanza Congo*, de origem bantu, que passa para o português como *Banza Congo*. Perde-se a sonoridade característica da sua origem nacional para ser falada conforme o padrão lusitano. Há neste caso, uma descaracterização da estrutura linguística original que prejudica o étimo negroafricano que faz parte do patrimônio cultural do povo angolano e que revela sua identidade sociolinguística. Este também é um fenômeno registrado no Brasil por Castro (2001).

A língua imposta do colonizador, no nosso caso, o português, completamente distinto das negroafricanas, foi adaptado aos sons e estruturas morfossintáticas das línguas maternas. Exemplo disto, as vogais são pronunciadas pelos angolanos de forma aberta, enquanto em Portugal, estas são fechadas. Mingas (2000) afirma que esta mesma interferência nas vogais acontece no Brasil e é confirmada por Castro (2001). As autoras concordam que Angola e Brasil possuem traços linguisticamente mais próximos do que com Portugal, pois são frutos dos antepassados negroafricanos que foram levados aos milhares para o Brasil e que, enfim, interferiram no falar brasileiro.

INTERFERÊNCIAS NO BRASIL



A interferência, em muitos países subsaarianos, como também no Brasil, se caracteriza pelo contato entre línguas negroafricanas e o português do tempo colonial. Assim como em Angola, também no Brasil, a interferência linguística foi tida, por muito tempo, e ainda é considerada como um *erro* para muitos puritanistas que acreditam que o português normativo deve ser imposto como meio de comunicação, sem levar em conta as divergentes possibilidades provindas das línguas maternas.

Segundo Castro (2001), existe uma grande tendência do falante brasileiro em adequar os lexemas negroafricanos aos morfemas de origem portuguesa. Muitas lexias negroafricanas foram incorporadas pela língua portuguesa através da derivação de acordo com o padrão português, tais como: nominal (dendezeiro; pamba-branca; muqueca-de-peixe), adjetival (samba+ista), verbal (des+bundar; en+quizila+r)) e adverbial (en+cabula+da+mente).

Há uma categorização de número plural dos substantivos assinalada pelos artigos em português. Sua posição antecede sempre o substantivo, verossímil aos prefixos classificatórios de plural e singular em bantu, como no caso da variante *os menino vai*.

Existe a tendência de transformar os ditongos em monotongos em algumas palavras de formação brasileira. Como exemplo, a forma derivada *macumbeiro*, oriundo da lexia do grupo bantu *makumba* (reza, invocação), perde a vogal *i* do ditongo e é pronunciado como *macumbero*. Seguem este mesmo padrão: *maluque(i)ro* e *muvuque(i)ro*.

Há também interferências fonossemânticas. As lexias negroafricanas sofrem mutação ou uma variante surge por aparentar-se com palavras de origem portuguesa, tais como *Pombajira* em *Pomba-Gira*, do grupo bantu, ou do grupo yorubá *Xangô-Dioro* em *Xangô-de-o(u)ro*. Nota-se uma semelhança sonora entre o morfema africano *jira* e a palavra *gira* do português, assim como *dioro* e *de-ouro* (CASTRO, 2001).



Pode-se até mesmo traduzir termos próprios de línguas negroafricanas como *Aquirijebó*, do *yorubá*, o carregador de *ebó* em *coruja-de-ebó*. Neste caso, há uma metonímia, uma comparação mental, pois a coruja é um animal noctívago, considerado agourento no Brasil e o *ebó* (a oferenda) que é sempre levado para as ruas tarde da noite quando estão desertas (CASTRO, 2010).

As interferências negroafricanas no português do Brasil podem ser vistas principalmente na linguagem religiosa de matriz negroafricana, passadas através de geração a geração com línguas cultuais dos terreiros. Estas somas de saberes tradicionais originaram o Candomblé. A lexia candomblé vem do grupo bantu *kandômbilé* > *kandómbelé* 'ação de rezar pela intercessão de Deus', originado do verbo *kudomba* > *kulomba* 'rezar, invocar'. Estes grupos socioreligiosos são liderados por uma autoridade intitulada popularmente no Brasil de *mãe de santo* ou *pai de santo* (CASTRO, 2001).

O repertório lexical da liturgia dos candomblés se manteve alicerçado nos lexemas de origem negroafricana em sua forma arcaica e estranha ao domínio da língua portuguesa. Serve como meio para entrar em contato com as suas divindades e o acesso ao seu conhecimento como fator preponderante de integração e identidade etnoreligiosa do grupo. Este repertório se manteve no processo comunicativo diário de seus membros por vários séculos, passados oralmente de uma geração à outra. Suas lexias peculiares guardam segredos próprios de cada povo de santo, revelando às outras gerações o universo mítico, social e linguístico, salvaguardando-o das mudanças globais impostas pela sociedade atual.

No processo de interação linguística, algumas palavras usadas pelo povo de santo passaram a ser usadas na língua popular do Brasil. As lexias de base negroafricana foram incorporadas no uso familiar ou espontâneo de pessoas instruídas e de todas as classes sociais, principalmente por participantes das religiões de origem negroafricana.

Segundo Castro (2001), termos usados na língua de santo passaram a ser usados na linguagem popular brasileira, como *xibungo* ou *quibungo*, do grupo bantu,



que significa em português *pederasta*. Esta palavra é marcada com o prefixo *ki*, diminutivo ou aumentativo, grafado em português *xi* com a alteração fonêmica *shi*. Este prefixo aparece também em outros lexemas portugueses do Brasil, como *quibata*, *quinti*, *quirica*, *quiuroto* e *xibiu*. O prefixo *ka*, marca de diminutivo, também está presente em algumas lexias. Como exemplo destas, temos a palavra *kbasu*, que em português passou para *cabaço* com a mesma significação.

A mulher negroafricana teve um importante papel nas interferências linguísticas no Brasil no período da escravidão. Do contato sociolinguístico da amade-leite, da mucama e das cozinheiras com a sinhá e os demais da casa grande, resultou na incorporação de lexias negroafricanas no vocabulário português, alterando-se e adaptando-se à nova realidade linguística em uma soma de palavras que compõem o léxico da língua portuguesa no Brasil, herança viva da África que deixou seu rico legado linguístico. Essas lexias fazem parte do repertório vocabular do povo brasileiro, que substituíram suas correspondentes em português, como é o caso da lexia de origem bantu *caçula* que é única usada no Brasil para designar o filho mais novo da família, herança sociolinguística da mulher negra africana (CASTRO, 1980) (HENCKEL, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os negroafricanos, sempre em maioria nas excolônias africanas e americanas, oriundos de vários grupo linguísticos distintos, trouxeram consigo sua língua, cultura e religião e tiveram de se adaptar à nova realidade sociolinguística estabelecida. Dessa mistura de línguas, veiculadoras de culturas, imporam-se sua existência material, determinada de maneira peculiar de expressão do vocabulário de cada povo, provocando as interferências linguísticas. O vocabulário da interferência linguística reflete a riqueza de lexias que representam falares, comportamentos e compõem o léxico de origem negroafricana na língua portuguesa e nos crioulos de base portuguesa.



As línguas maternas negroafricanas contribuíram para a inserção de muitos aportes linguísticos nesses falares. Seus sistemas lexicais interferiram no linguajar popular de países como Angola, Moçambique, Brasil e nos crioulos de base portuguesa em San Tomé e Príncipe, e também na morfologia, sintaxe, semântica e no léxico. Muitos morfemas de língua portuguesa alteraram as lexias de base negroafricana e vice-versa, dando um sentido novo a muitas palavras. Podemos citar a lexia *descabaçar*, os morfemas portugueses *des-* e *-ar* se unem à palavra do grupo *bantu kabasu* que vai dar uma extensão de sentido, formando uma outra palavra.

Algumas lexias conservaram os morfemas de origem negroafricana. Estes morfemas são comuns em muitas lexias e estão presentes em sua forma fonética inalterada, como é o caso dos prefixos *ku*, das línguas do grupo bantu em *cochilar*, *ki* em *chibata*, *ka* em *camundongo*.

Por ter uma importância muito grande no resgate da cultura, o respeito às variantes oriundas das interferências linguísticas é de grande relevância para a sociedade que as utiliza, pois, através do vocabulário de um povo, pode-se resgatar suas raízes culturais. Muitas pessoas usam estas lexias nos países que têm a língua portuguesa como língua oficial ou materna, ou até mesmo nos crioulos oriundos da língua portuguesa, sem ter noção de sua origem. Através do respeito destes termos linguísticos, pode-se reconhecer a herança vocabular negroafricana deixada por vários séculos e que durante muito tempo sofreu tentativa de apagamento e esquecimento.

Devido a essa grande interferência de lexias negroafricanas no português, os estudos lexicais são de grande importância para compreender melhor a língua portuguesa e ampliar o conhecimento do legado negroafricano. Através deles, poderemos entender as divergentes culturas que contribuíram com a formação vocabular da língua portuguesa, pois estas lexias fazem parte do patrimônio do povo negroafricano e americano. Cada uma dessas lexias expressa seu significado próprio de acordo com a época, o grupo social e a região em que se encontram, revelando sua riqueza lexical.



Estudar as interferências deste importante léxico é abrir possibilidades de conhecer melhor a história social de cada povo e ressaltar essas palavras como parte integrante do patrimônio cultural de seus falantes. Conhecer essas lexias é uma forma de resgatar a dignidade de seus falantes, sem que haja qualquer tipo de exclusão, não se tratando simplesmente de fazer um levantamento lexical, mas sim de compreender melhor a língua portuguesa e seu legado negroafricano, a qual através dos tempos, vêm se adaptando com novas palavras de outras línguas.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Albertino. *Interferências linguísticas no Português em S, Tomé e Príncipe*. In.: *Interpenetração da Língua e Culturas de/em Língua Portuguesa na CPLP*. 1ed. IDG: ____2010.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Os falares africanos na interação social do Brasil colônia*. N.89. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1980.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. 1 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *A participação dos falantes africanos na formação do Português Brasileiro: aspectos sócio-históricos e linguísticos*. In.: *Interpenetração da Língua e Culturas de/em Língua Portuguesa na CPLP*. 1ed. IDG: ____2010

COSTA, António Fernandes da. *A ordem das palavras em português e línguas bantu*. In.: *Interpenetração da Língua e Culturas de/em Língua Portuguesa na CPLP*. 1ed. IDG: ____2010.

HENCKEL, Rosa Cunha. **Tráfego de palavras**: Africanismos de origem banto na obra de José Lins do Rego. Recife: Fundj. Ed. Massangana, 2005.

MINGAS, Amélia. *Interferência do Kimbundo no Português Falado em Lwanda*. Campo das Letras: Porto, 2000.



NGUNGA, Armindo. *A problemática de interferências de línguas moçambicanas na língua portuguesa*. In.: *Interpenetração da Língua e Culturas de/em Língua Portuguesa na CPLP*. 1ed. IDG: ____2010.

NTONDO, Zavoni. *A coabitação linguística em Angola: diálogo vs conflito*. In.: *Interpenetração da Língua e Culturas de/em Língua Portuguesa na CPLP*. 1ed. IDG: ____2010.

PIRES, Dora Oriana Gomes. *A situação linguística em Cabo Verde*. In.: *Interpenetração da Língua e Culturas de/em Língua Portuguesa na CPLP*. 1ed. IDG: ____2010.

VILELA, Mário. *O CABO-VERDIANO VISTO POR CABO-VERDIANOS ou contributo para uma leitura da situação linguística em Cabo Verde*. Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas, II Série, vol. XXII, Porto, 2005.

